

O Eu e os Outros

A praia é já ali. O lugar reservado espera que o preencha. Estou ansioso por lá chegar. E reflectir.

Há uma certa tendência para os indivíduos interpretarem as suas contribuições na sociedade como separadas e independentes da colectividade em que vivem. O que cada pessoa faz, neste pensamento (que me parece muito português), nada interfere com o que o conjunto social prossegue. Tal princípio individualista é às vezes referido pelos sociólogos como o «problema do cavaleiro andante». No fundo traduz a interacção do «Eu» com os «Outros».

Um exemplo expressivo desta concepção de vivência societal verifica-se quando alguém decide eximir-se aos impostos, considerando que a fuga corresponde a uma ínfima percentagem das receitas governamentais e que portanto nada afectará. Na realidade, esta prática concede um certo ganho financeiro à pessoa que continua a beneficiar dos serviços públicos financiados pelos impostos dos restantes contribuintes — sem que a sua acção, individualmente considerada, prejudique seja quem for. Só que se toda a gente proceder da mesma maneira será um desastre completo para o progresso nacional.

A distinção entre o comportamento do «elemento» e do «conjunto» de um sistema é pois muito importante. Cada componente interactua com os outros em situações constringidas e é dessa interacção que o sistema global revela as suas propriedades. As respectivas características (pessoais e sociais ou locais e nacionais ou parcelares e globais) não coincidem forçosamente, podendo até ser bem diferentes.

Os jornais noticiam que em Portugal há várias dezenas de milhar de habitações à venda sem que sejam compradas, apesar de se conhecerem muitas centenas de milhar de famílias sem casa própria e a viver em condições degradadas, porque a manutenção de preços elevados torna-se necessária aos interesses dos construtores. A luta armada entre cristãos e muçulmanos (historicamente antiga) tem grassado no Médio-Oriente (Líbano e Irão) porque as duas crenças religiosas incompatibilizaram a convivência mútua. As nações poderosas (caso da URSS) tentam dominar as mais fracas (Afeganistão e Angola), para se apoderarem mais facilmente dos seus recursos naturais, com

brutal desprezo dos direitos indígenas. Os países ricos vendem trigo excedentário (caso dos EUA) a quem tem riqueza para o pagar, enquanto nos países pobres morrem à fome milhões de seres humanos (Índia e África), porque as políticas económicas reforçam esses gradientes. E a enumeração pode continuar, extensivamente.

Nestes exemplos nota-se um comportamento global determinado pelos comportamentos individuais, aquilo que os psicológicos denominam egocentrismo. São os componentes predominantes que impõem o comportamento global. As afectações pouco potentes não perturbam o equilíbrio. Por exemplo, a subida (ou a descida) do valor do escudo não tem repercussões na economia a nível mundial; no entanto, a valorização do dólar americano provoca desequilíbrios angustiantes nos países dependentes da compra de meios de subsistência ou matérias-primas (caso energético de Portugal).

O Eu e os Outros são dois sub-universos específicos, em interacção permanente. Se as afectações sobre o conjunto forem significativas o «eu todo-poderoso» tem tendência a manifestar poderes hegemónicos, cuja imposição se exprime em tirania. Por outro lado, se a acção individual bem intencionada for sujeita à corrosão dos restantes, só os princípios humanos mais são lhe poderão valer. Aqui a brecha da dúvida abre-se em garganta profunda, devoradora na extensão — embora às vezes a História consiga fazer ruir as suas escarpadas vertentes e dar aos Homens uma projecção de quarta dimensão, identificada afinal com a simples realidade, cruelmente negada pelo sistema global.

É neste contexto de incompreensão que nascem os cavaleiros andantes: uns a demolir os escombros medievais da industrialização que não existiu; e outros em luta quixotesca contra as instituições modernas, não querendo ver o campo de 1993.

Estou na praia. Observo o oceano além. Presumo aventuras bravas pelos mares europeus. A epopeia dos descobrimentos está a chegar: temos de estar lá todos, sem Eus nem Outros. O oceano continua aí. E eu fico na praia, a descansar pela reflexão. Para voltar à demanda: vamos outra vez dar ao mundo novos mundos!

H. D.-R.